

ELSINORE

SVETLANA  
PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA  
ALEXIEVICH

Tradução de  
Galina Mitrakhovich



AS ÚLTIMAS  
TESTEMUNHAS

CEM HISTÓRIAS  
SEM INFÂNCIA

# ÍNDICE

## 15

Em vez dos comentários,  
para os quais a autora não tem palavras

–

## 17

«Ele tinha medo de olhar para trás...»

«O meu primeiro e último cigarro...», 17

«A minha avó rezava... Pedia que a minha alma  
regressasse...», 23

«Jaziam, rosadas, sobre as brasas...», 24

«Quero sempre a minha mãe...», 28

«Brinquedos alemães tão bonitos...», 31

«Um punhado de sal... A única coisa que restou  
da nossa casa...», 37

«E beijei todos os retratos no manual escolar...»,  
41

«Recolhia-os com as mãos... Eram muito  
brancos...», 44

«Quero viver! Quero viver!...», 46

«Pela casinha de botão...», 47

«Ouvia apenas o grito da minha mãe...», 51

«Nós tocávamos, e os soldados choravam...», 54

«No cemitério, os defuntos jaziam na superfície...  
Como que mortos mais uma vez...», 57  
«E percebi – era o pai... Os joelhos tremiam-me...», 58  
«Fecha os olhos, filhinho... não olhes...», 61  
«O mano chora porque não existia quando o pai  
estava vivo...», 65  
«Essa menina foi a primeira a chegar...», 66  
«Sou a tua mamã...», 69  
«Pedimos: podemos lamber?...», 71  
«...mais uma meia colherzinha de açúcar», 72  
«Não ardas, casinha! Não ardas, casinha!...», 76  
«Ela veio de bata branca, como a mamã...», 79  
«Ponha-me no colo, tiazinha...», 81  
«...e pôs-se a embalá-la como se fosse uma  
boneca» 82  
«Já me tinham comprado o livro da primeira  
classe...», 84  
«...ainda não eram moços casadoiros nem  
soldados» 96  
«Que ao menos um filhinho sobreviva...», 97  
«Seca as lágrimas com a manga...», 100  
«Pendia da corda como uma criancinha...», 102  
«Agora serão meus filhos...», 105  
«Beijávamos-lhes as mãos...», 106  
«Olhava para eles com os olhos de uma menina  
pequena...», 109  
«A nossa mãe não sorria...», 110  
«Não conseguia habituar-me ao meu nome...», 112  
«A sua camisa estava molhada...», 113  
«Como se ela lhe tivesse salvado a filha...», 116  
«Levaram-me nos braços ao acampamento... Tudo  
em mim tinha sido pisado, desde os calcanhares  
até ao cocuruto...», 119

«E eu, porque sou tão pequeno?...», 123  
«Eram atraídos pelo cheiro humano...», 125  
«Porque dispararam na cara? A minha mamã era  
tão bonita...», 127  
«Pedes para eu te dar um tiro...», 132  
«Não tinha um lençinho sequer...», 136  
«Não havia com quem brincar na rua...», 140  
«Abrirei a janela de noite... E entrego as folhinhas  
ao vento...», 142  
«Cavem aqui...», 148  
«O avô foi enterrado por baixo da janela...», 150  
«...e ainda alisaram a superfície com as pás  
para ficar bonito», 151  
«Comprou-me um vestido com um lacinho...»,  
154  
«Como pode ter morrido, se hoje não houve  
tiros?...», 157  
«Porque somos meninas, e ele é um menino...»,  
164  
«Não és meu irmão se brincas com rapazes  
alemães...», 167  
«Nós até esquecemos esta palavra...», 173  
«Devia ir para a frente de combate, mas, em vez  
disso, apaixonou-se pela minha mãe...», 179  
«Nos últimos instantes, eles gritavam os seus  
nomes...», 186  
«Todos os quatro puxámos aquele trenó...», 187  
«Estes dois meninos tornaram-se levezinhos como  
pardais...», 190  
«Envergonhava-me de calçar botinas de  
rapariga...», 193  
«Eu gritava e gritava... Não conseguia parar...», 199  
«Todos se deram as mãos...», 201

- «Não sabíamos sequer como se deve sepultar uma pessoa... Mas, naquele momento, veio-nos à memória não se sabe donde...», 203
- «Recolheu num cesto...», 205
- «Levaram os gatinhos para fora da casa...», 207
- «Lembra-te: Mariupol, Parkovaia 6...», 210
- «Ouvi o seu coração parar...», 211
- «Fugi para a frente atrás da irmã, a primeiro-sargento Vera Rédkina...», 215
- «Na direção em que o sol nasce...», 216
- «Na escuridão, a camisa branca nota-se ao longe...», 221
- «Sobre o chão limpo que acabei de lavar...», 224
- «Será que Deus via aquilo? E o que é que ele pensava...», 227
- «O mundo é belo de morrer...», 228
- «Traziam rebuçados compridos e finos... Parecidos com lápis...», 234
- «A arquinha era mesmo da sua altura...», 235
- «Temia ver este sonho...», 236
- «Querida ser a filha única da minha mãe... E que ela me mimasse...», 237
- «Não se afundavam, pareciam bolas...», 239
- «Lembro-me de um céu muito azul... E dos nossos aviões neste céu...», 244
- «Como abóboras maduras...», 246
- «Comíamos... o parque», 249
- «Quem chorar, será fuzilado...», 253
- «“Mãezinha” e “paizinho” – são palavras de ouro...», 255
- «Trouxeram-na aos bocadinhos...», 257
- «Os pintainhos acabaram de sair da casca... Eu tinha medo que os pudessem matar...», 260

«Rei de paus ... Rei de ouros...», 261  
«Uma grande fotografia de família...», 266  
«Ao menos, ponho-lhes umas batatinhas  
no bolso...», 267  
«O pa-pá pa-pa o pão...», 269  
«Deu-me uma *kubanka* com fita vermelha...», 271  
«E disparo para cima...», 276  
«A minha mãe levava-me nos braços para o  
primeiro ano de escola...», 277  
«Cãozinho querido, perdoa-me... Cãozinho  
querido, perdoa-me...», 279  
«Ela fugia: “Não é minha filha! Não é-é-é!”», 284  
«Por acaso éramos crianças? Éramos homens e  
mulheres...», 285  
«Não dê o fato do pai a um estranho...», 287  
«Durante a noite eu chorava: onde está a minha  
alegre mãe?...», 288  
«Ele não me deixa levantar voo...», 290  
«Todos nós queríamos beijar a palavra “vitória” ...»,  
292  
«Com a camisa feita da túnica militar do pai...»,  
293  
«Enfeitei-a com cravos vermelhos...», 294  
«Esperei longamente pelo papá... Toda a minha  
vida...», 297  
«Alcançámos aquela linha... aquele limiar...», 298  
–

### **311**

Tentativa de epílogo

–

Em vez de comentários,  
para os quais a autora não tem palavras

«Durante a Grande Guerra Patriótica (1941-1945) pereceram milhões de crianças soviéticas: russos, bielorrussos, ucranianos, judeus, tártaros, letões, ciganos, cazaques, usbeques, armênios, tajiques...»

«Em tempos Dostoievski pôs a pergunta: haverá justificação para a paz, para a nossa felicidade e mesmo para a harmonia eterna, se em nome disso, para a solidez do fundamento, se derramar nem que seja uma pequena lágrima de criança inocente? E ele próprio respondeu – nenhum progresso, nenhuma revolução, nenhuma guerra justificarão esta pequena lágrima. Ela vai sempre pesar mais. Uma única lágrima...»

*De fontes várias*

«Ele tinha medo de olhar para trás...»

Jénia Belkévitch, 6 anos.

Atualmente, operária.

Junho de 1941...  
Fixei na memória. Era muito pequena, mas fixei tudo na memória...

A última coisa da vida de paz que fixei foi um conto fantástico que a minha mãe nos lia antes de adormecermos. O meu preferido, o *Peixinho de Ouro*<sup>1</sup>. Eu também pedia sempre algo ao Peixinho de Ouro: «Ó, Peixinho de Ouro... Meu querido Peixinho de Ouro...» E a minha mana também pedia, mas de outra forma: «Por ordem do lúcio, por vontade minha...»<sup>2</sup> Queríamos ir passar o verão na casa da avó e que o meu pai fosse connosco. Ele era tão divertido.

Pela manhã, acordei com medo. Por causa de uns sons estranhos...

---

<sup>1</sup> *Conto do Pescador e o Peixinho*, de Aleksandr Púchkin. [N. da T.]

<sup>2</sup> *Por Ordem do Lúcio*, conto fantástico russo. [N. da T.]

Os meus pais pensavam que estávamos a dormir, mas eu, deitada ao lado da mana, fingia. Vi que o meu pai beijou longamente a minha mãe, beijou-lhe a cara, as mãos e admirei-me: nunca antes a beijara dessa maneira. Eles saíram de casa de mãos dadas, eu corri para a janela — a minha mãe estava abraçada ao meu pai e não o largava. Ele arrancou-a de si e correu, ela alcançou-o e não queria largá-lo outra vez, gritava algo. Então, também gritei: «Papá! Papá!» A minha mana e o meu mano Vássia acordaram, a minha mana vê-me chorar e também grita: «Papá!» Saímos da casa a correr: «Papá!!»

O meu pai viu-nos e — tenho-o bem presente na memória — levou as mãos à cabeça e pôs-se a andar, até a correr. Tinha medo de olhar para trás.

O sol iluminava-me a cara. Um calorzinho... Mesmo agora, custa-me acreditar que, naquela manhã, o meu pai partia para a guerra. Eu era muito pequena, mas acho que estava ciente de que o via pela última vez. E nunca mais o reencontraria. Eu era mesmo... mesmo pequenina...

Foi assim que me ficou na memória: a guerra é quando não temos o pai...

Depois, lembro-me: um céu preto e um avião preto. Junto à estrada, jaz a nossa mãe, com os braços abertos. Pedimos-lhe para que se levante, mas ela não se levanta. Não se mexe. Os soldados enrolaram-na numa capa militar e enterraram-na na areia, nesse mesmo sítio. Nós gritávamos e pedíamos: «Não enterrem a nossa mãezinha na covinha. Ela vai acordar e nós continuamos caminho». Uns besouros grandes rastejavam pela areia... Eu não conseguia imaginar como é que a minha mãe iria viver debaixo da terra com eles. Como poderíamos encontrá-la depois, como iríamos reunir-nos? Quem escreveria ao nosso pai? Um soldado perguntava-me:

«Como te chamas, menina?»

Mas eu tinha-me esquecido.

«Qual é o teu apelido, menina? Como se chama a tua mãe?»

Não me lembrava... Ficámos sentados junto ao montículo da nossa mãe até à noite, até que alguém nos apanhou e nos sentou numa carroça. Uma carroça cheia de crianças. Era conduzida por um velho, ele recolhia quem encontrasse pelo caminho. Chegámos a uma aldeia desconhecida e umas pessoas desconhecidas levaram-nos para as suas casas.

Fiquei sem fala durante muito tempo. Limitava-me a olhar.

Depois, recordo o verão. Um verão cheio de luz. Uma mulher desconhecida faz-me festinhas na cabeça. Começo a chorar. E a falar... A contar sobre a minha mãe e o meu pai. Como ele se afastou de nós a correr e nem sequer olhou para trás... Como a minha mãe jazia... Como os besouros rastejavam na areia...

A mulher faz-me festinhas na cabeça. Percebi naqueles instantes: ela era parecida com a minha mãe...

\*

*«O meu primeiro e último cigarro...»*

*Guéna Iuchkévitch, 12 anos.*

*Atualmente, jornalista.*

A manhã do primeiro dia da guerra...

Há sol. E um silêncio nada habitual. Um silêncio incompreensível.

A nossa vizinha, mulher de um militar, saiu de casa banhada em lágrimas. Sussurrou algo à minha mãe, mas mostrou por gestos que devíamos estar calados. Toda a gente tinha medo de

falar em voz alta sobre o sucedido, mesmo quando já se sabia, pois havia pessoas que já tinham recebido a notícia. Mas tinham medo de serem chamadas de provocadores. De semeadores de pânico. Isso era mais assustador do que a guerra. Tínhamos medo... É o que penso agora... E, naturalmente, ninguém acreditava. Nem de longe! O nosso exército defende a fronteira, os nossos líderes estão no Kremlin! O país está protegido com segurança, é inacessível para os inimigos! Era o que pensava naquela altura... Era um pioneiro<sup>3</sup>.

Os aparelhos de rádio estavam ligados. Esperávamos o discurso de Estaline. A sua voz fazia falta. Mas Estaline guardava silêncio. Depois, discursou Mólotov. Todos escutaram. Mólotov disse: «Há guerra.» Mesmo assim, ainda ninguém acreditava. Onde estaria Estaline?

Alguns aviões sobrevoaram a cidade... Dezenas de aviões desconhecidos. Com cruzes. Taparam o céu, taparam o sol. Um horror! Começaram a cair bombas... As explosões davam-se sem parar. Estrondos. Tudo se passava como num sonho. Era algo irreal. Eu já não era tão pequeno, memorizei os meus sentimentos. O medo que se espalhava pelo meu corpo. Por todas as palavras. Pelos pensamentos. Saímos a correr para fora de casa, corremos pelas ruas sem saber bem para onde... Parecia-me que a cidade já deixara de existir, que só havia ruínas. O fumo. O fogo. Alguém disse: temos que correr para o cemitério, porque não iriam bombardear o cemitério. Para que serve bombardear os mortos? Na nossa zona, havia um grande cemitério judaico, com árvores velhas. E todos precipitaram-se para lá, milhares

---

<sup>3</sup> Membro da Organização de Pioneiros, organização infantojuvenil comunista. [N. da T.]

de pessoas juntaram-se ali. Abraçavam as pedras tumulares, colavam-se às lápides.

Fiquei lá com a minha mãe até ao cair da noite. Ninguém em redor pronunciava a palavra «guerra», ouvi outra palavra: «provocação». Toda a gente a repetia. Dizia-se que as nossas tropas não demorariam a passar à ofensiva. Estaline deu a ordem. E acreditava-se nisso. Mas as sirenes das fábricas na periferia de Minsk soaram toda a noite... Os primeiros mortos...

Primeiro... vi um cavalo morto... Depois... uma mulher morta... Fiquei surpreendido. Imaginava que na guerra só morriam homens.

Acordo de manhã... Quero saltar da cama, mas depois lembro-me — há guerra — e fecho os olhos. Resisto a acreditar nisso.

Pararam de disparar lá fora. De repente, veio o silêncio. Durante uns dias, houve calma. E, depois, seguiu-se uma movimentação... Vai, por exemplo, um homem branco, todo branco, desde os sapatos até ao cabelo. Coberto de farinha. E carrega um saco branco nas costas. Um outro corre... Latas de conservas caem-lhe dos bolsos, também segura latas de conservas nas mãos. Rebuçados... Maços de tabaco... Alguém leva à sua frente um chapéu cheio de açúcar... Um tacho com açúcar... É indescritível! Alguém carrega um rolo de tecido, outro vai todo enfaixado em chita azul. Vermelha... Dá para rir, mas ninguém se ri. Uns armazéns de alimentos tinham sido destruídos pelas bombas. Uma grande mercearia perto da nossa casa também foi destruída... As pessoas acorreram para apanhar o que lá ficou. Na fábrica de açúcar, algumas pessoas afogaram-se nos tanques com melaço. Um horror! Toda a cidade comia sementes de girassol. Encontraram, algures, um armazém com sementes. Diante dos meus olhos, uma mulher entrou a correr na mercearia... Não trazia

nada com ela, nem um saco, nem uma rede de compras. Então, despiu a combinação e as *culottes*. Encheu aquilo tudo com trigo sarraceno e levou. Tudo isso, curiosamente, sem proferir uma palavra. Ninguém falava.

Quando chamei pela minha mãe, só restava mostarda, frascos amarelos com mostarda. «Não leves nada», pediu ela. Mais tarde, confessou que tivera vergonha porque toda a sua vida me ensinara coisas bem diferentes. Mesmo quando passávamos fome e recordávamos esses dias, não lamentávamos nada. A minha mãe era assim.

Pela cidade... Pelas nossas ruas passeavam soldados alemães, nas calmas. Filmavam tudo. Riam-se. Antes da guerra, tínhamos um jogo preferido, desenhávamos alemães. Desenhávamos-los com grandes dentes. Com presas. Mas ei-los andando por aqui... Jovens, bonitos... Com bonitas granadas metidas nos canos das botas resistentes. Tocam harmónicas. Até se metem com as nossas raparigas bonitas.

Um alemão idoso arrasta um caixote. O caixote é pesado. Ele chama-me e mostra com gestos: ajuda. O caixote tinha duas asas, pegámos os dois nelas. Depois de o termos levado para onde era preciso, o alemão deu-me umas palmadinhas no ombro e tirou do bolso um maço de cigarros. Aqui tens, tipo recompensa. Cheguei a casa. Mal podia esperar, sentei-me na cozinha e acendi o cigarro. E não ouvi o bater da porta, entra a minha mãe:

«Estás a fumar?»

«Hmm...»

«E donde vêm os cigarros?»

«São alemães.»

«Não só fumas, como os cigarros são do inimigo. Isso é traição à Pátria.»

Foi o meu primeiro e último cigarro.

Uma noite, a minha mãe sentou-se ao pé de mim:

«É-me insuportável que eles estejam aqui. Compreendes?»

Ela queria lutar. Desde os primeiros dias. Resolvemos procurar resistentes clandestinos, não duvidávamos de que existissem. Não duvidámos por um único instante.

«Amo-te mais do que tudo no mundo», disse a minha mãe.  
«Compreendes? Vais perdoar-me se nos acontecer alguma coisa?»

Apaixonei-me pela minha mãe, passei a obedecer-lhe sem discutir. E isso ficou para toda a vida.

\*

*«A minha avó rezava... Pedia que a minha alma regressasse...»*

*Natacha Gólik, 5 anos.*

*Atualmente, revisora de textos.*

Aprendi a rezar... Lembro-me com frequência de como aprendi a rezar durante a guerra... Disseram que havia guerra, mas, aos cinco anos, eu não fazia ideia — o que é fácil de compreender — do que era isso. Não tinha medos nenhuns. Mas foi o medo, precisamente o medo, que me fez adormecer. E dormi dois dias. Passei dois dias prostrada, como uma boneca. Todos pensavam que tinha morrido. A minha mãe chorava e a avó rezava. Rezou dois dias e duas noites.

Abri os olhos e a primeira coisa que me vem à memória é a luz. Uma luz muito radiosa, extraordinariamente radiosa. Esta luz causava-me dor. Ouço uma voz, reconheço-a: é a voz da minha avó. A avó está parada diante do ícone, a rezar. «Avó... Avó...», chamei-a. Ela não se virou. Não acreditou que era eu a chamá-la... Mas eu já estava acordada... de olhos abertos...

«Avó», perguntei-lhe mais tarde, «como é que tu rezavas quando eu estava a morrer?»

«Pedia para que a tua alma regressasse.»

Um ano depois, a nossa avó morreu. Eu já sabia rezar. Rezava e pedia para que a sua alma regressasse. Mas não regressou.

\*

*«Jaziam, rosadas, sobre as brasas...»*

*Kátia Korotáeva, 13 anos.*

*Atualmente, engenheira hidrotécnica.*

Vou contar sobre o cheiro... O cheiro da guerra...

Antes da guerra, terminei o sexto ano. Naquele período, havia uma regra na escola que mandava fazer os exames a partir do quarto ano. Eis que fizemos o último exame. Era junho e os meses de maio e junho de 1941 foram frios. Se na nossa zona os lilaseiros costumam florir algures em maio, naquele ano floriram em junho. Assim, o começo da guerra para mim está sempre ligado ao cheiro dos lilases. Ao cheiro do azereiro-dos-danados. Estas árvores cheiram-me sempre a guerra...

A nossa família vivia em Minsk, também nasci em Minsk. O meu pai era regente de uma orquestra militar. Ia com ele às paradas militares. Além de mim, na família havia mais dois irmãos mais velhos. Naturalmente, todos gostavam de mim e mimavam-me por ser a mais pequena e, ainda por cima, uma irmãzinha.

Esperava-nos o verão, esperavam-nos as férias. Era motivo de muita alegria. Eu praticava desporto, frequentava a Casa do Exército Vermelho, onde nadava na piscina. Toda a gente me

invejava, até os rapazes da minha turma. E eu dava-me ares por saber nadar bem. Para o domingo, 22 de junho, estava marcada a inauguração do lago Komsomolskoe. Fora escavado e construído ao longo de muito tempo, até a nossa escola participou nas jornadas de trabalho voluntário. Eu pretendia ser uma das primeiras a tomar banho nele. Pois claro!

Na nossa casa havia o costume de ir buscar pãezinhos quentes logo de manhã. Essa obrigação era minha. Pelo caminho, encontrei uma amiga, ela disse-me que tinha começado a guerra. Na nossa rua havia muitos pomares, as casas estavam literalmente imersas em flores. Pensei: «Que guerra? Mas que raio é que ela inventou?»

Em casa, o meu pai preparava o samovar para o chá... Não tive tempo de dizer nada, que os vizinhos começaram a acorrer, todos com a mesma palavra na boca: «Guerra! Guerra!» No dia seguinte, às sete horas da manhã, o meu irmão mais velho recebeu a notificação para se apresentar no centro de recrutamento militar. Durante o dia, ele deu um salto à empresa para ir buscar o ordenado e se despedir. Trouxe esse dinheiro para casa e disse à nossa mãe: «Vou combater, não preciso de nada. Toma este dinheiro. Comprem um novo sobretudo para a Kátia.» Pois eu, depois de transitar para o sétimo ano e, assim, me ter tornado aluna dos últimos anos da escola, sonhava com um sobretudo de tecido Boston azul com gola de caracul cinza. E ele sabia disso.

Guardo na memória, até hoje, que, ao partir para a frente de combate, o meu irmão deixou o dinheiro para me comprarem o sobretudo. Levávamos uma vida modesta, o orçamento familiar tinha buracos mais do que suficientes. No entanto, a minha mãe ter-me-ia comprado o tal sobretudo, já que o meu irmão pediu. Não teve tempo para isso.

Minsk começou a ser bombardeada. Eu e a minha mãe mudámo-nos para a cave de pedra dos vizinhos. Eu tinha uma gata de que gostava muito, muito selvagem, que não saía do quintal, mas quando o bombardeamento começava e eu corria para a cave dos vizinhos, a gata seguia-me. Enxoto-a: «Vai para casa!», mas ela segue-me. Também tinha medo de ficar sozinha. As bombas alemãs caíam com um zumbido particular, com um uivo. Eu era uma rapariga musical, tudo isto produzia um forte efeito sobre mim. Esses sons... Eram tão assustadores que me faziam transpirar as palmas das mãos. Na cave, ficava connosco o filho de quatro anos dos vizinhos, ele não chorava. Simplesmente, abria muito os olhos.

Primeiro arderam prédios isolados, depois começou a arder a cidade. Geralmente, gostamos de olhar para as chamas, para uma fogueira, já o arder de uma casa é assustador. Aqui, o fogo vinha de todos os lados, o fumo encobria o céu e as ruas. Alguns sítios estavam fortemente iluminados... Pelo fogo... Lembro-me de três janelas abertas numa casa de madeira, com uns belíssimos filocatos nos peitoris. Já não havia gente nessa casa, só os filocatos em flor... Dava a sensação de que não eram flores vermelhas, mas sim chamas. Flores a arder.

Corríamos...

Pelo caminho, a gente das aldeias dava-nos pão e leite, não tinham mais nada. Estávamos sem dinheiro. Saí de casa com um lencinho na cabeça e a minha mãe de sobretudo de inverno e sapatos de salto alto, não se sabe porquê. Davam-nos comida de graça, ninguém mencionava sequer o dinheiro. Fluía uma corrente de refugiados.

Depois, alguém passou a informação de que o caminho à frente estava cortado pelos motociclistas alemães. Corremos para

trás através das mesmas aldeias, passando ao lado das mesmas mulheres com bilhas de leite. Voltámos à nossa rua... Havia poucos dias estava tudo muito verde, havia muitas flores, mas agora estava tudo queimado. Nada restou, nem das tílias seculares. Foi tudo queimado até à areia amarela. Desapareceu não se sabe para onde a terra negra sobre a qual tudo crescia, só restou uma areia muito amarela. Nada mais que areia. Como se estivesses ao pé duma sepultura recém-escavada...

Restaram os fornos das fábricas, eram brancos, calcinados pelo fogo forte. Não restou mais nada de familiar... Ardeu toda a rua. Arderam os velhos e muitas crianças pequenas porque não fugiram com todos, pensaram que os iriam deixar em paz. O fogo não teve pena de ninguém. Vais e vês — ali jaz um cadáver preto, portanto, ardeu um idoso. Vês ao longe algo pequeno, rosado — é uma criança. Jaziam, rosadas, sobre as brasas... A minha mãe tirou o lenço da cabeça e tapou-me os olhos... Foi assim que chegámos até à nossa casa, até ao sítio onde poucos dias antes estava a nossa casa. Não havia casa. Fomos recebidos pela nossa gata, que se tinha salvado por milagre. Ela apertou-se contra mim — só isso. Ninguém era capaz de falar... Nem a gata miava. Ficou calada durante vários dias. Toda a gente emudeceu.

Vi os primeiros nazis, aliás, não os vi, mas ouvi — todos eles tinham botas cardadas que batiam com força. Batiam na nossa calçada. Parecia-me que até a terra sentia dores quando eles marchavam.

Os lilaseiros tinham tanta flor naquele ano... E a azereiro-dos-danados também...

*«Quero sempre a minha mãe...»*

*Zina Kossiák, 8 anos.*

*Atualmente, cabeleireira.*

O primeiro ano de escola...

Terminei o primeiro ano de escola em maio de 1941 e os pais levaram-me para uma colónia de verão dos pioneiros em Gorodichtche, perto de Minsk. Cheguei, só me deu tempo para tomar um banho no lago e, dois dias depois, estalou a guerra. Meteram-nos no comboio e partimos. Os aviões alemães sobrevoavam-nos, e nós gritávamos: «Urra!» Que pudessem ser aviões estrangeiros, não o percebíamos. Até estes começarem a lançar bombas... Então, desapareceram todas as cores. Todo o colorido. Pela primeira vez, surgiu a palavra «morte», toda a gente começou a pronunciar esta palavra incompreensível. E não havia pais por perto.

Antes de partirmos da colónia, os adultos puseram alguma coisa na fronha de cada um: cereais ou açúcar. Nem os mais pequenos ficaram de lado, davam a todos algo para levarem consigo. Queriam levar a maior quantidade possível de alimentos para a viagem e tentavam poupar esses alimentos. Mas no comboio vimos soldados feridos. Gemiam, tinham muitas dores, apetecia-nos dar tudo a esses soldados. Chamávamos a isso «dar de comer aos papás». Chamávamos de «papás» a todos os homens militares. Foi-nos dito que Minsk ardera, ardera toda, que os alemães já lá estavam e que nos dirigíamos para a retaguarda. Íamos para onde não havia guerra.

Viajámos mais de um mês. Mandam-nos para uma cidade, chegamos ao destino, mas não nos podem deixar lá porque os alemães já estão perto. Assim, viajámos até à Mordóvia.

O lugar era muito bonito, havia igrejas por todo o lado. As casas eram baixas e as igrejas, altas. Não tínhamos camas para

dormir, dormíamos sobre palha. Chegou o inverno e só havia um par de botins para quatro. Depois, veio a fome. Não era só o orfanato que passava fome, toda a gente à nossa volta passava fome porque era tudo entregue à frente de batalha. Éramos duzentas e cinquenta crianças no orfanato, um dia chamaram-nos para o almoço, mas não havia literalmente nada para comer. As educadoras e o diretor estavam sentados na cantina, a olhar para nós com os olhos cheios de lágrimas. Tínhamos uma égua chamada Maika... Era velha e muito meiga, usada para transportar água. No dia seguinte, mataram-na. E davam-nos água e um pedacinho pequenino de Maika... Mas esconderam de nós este facto durante muito tempo. Não seríamos capazes de comê-la... Nem pensar! Era o único cavalo no nosso orfanato. E ainda dois gatos esfomeados. Uns esqueletos! Ainda bem, pensávamos nós, que bom que os gatos sejam tão magros, não teremos que comê-los. Não tinham nada que se comesse.

Andávamos com barrigas enormes. Eu, por exemplo, podia comer um balde de sopa, porque aquela sopa não tinha nada. Por muita que me deitassem, comia tudo. Era a natureza que nos salvava, eramos como animais ruminantes. Na primavera, num raio de vários quilómetros do orfanato, não restava uma única árvore que se cobrisse de folhas... Comíamos todos os brotos, até tirávamos a casca nova. Comíamos erva, qualquer que aparecesse. Deram-nos casacos de marinheiro e, nesses casacos, fizemos bolsos que enchíamos de erva, que levávamos connosco e mastigávamos. O verão salvava-nos, mas, no inverno, a situação tornava-se difícil. As crianças pequenas — éramos umas quarenta — estavam alojadas separadamente. De noite, havia choro. Chamávamos pela mãe e pelo pai. As educadoras e os professores tentavam não pronunciar a palavra «mãe» na nossa presença.

Contavam-nos histórias, escolhendo livros que não tivessem essa palavra. Se alguém, de repente, pronunciava «mãe», começava logo um berreiro. Um choro inconsolável.

Repeti o primeiro ano. Foi assim: tinha terminado o primeiro ano com um certificado de louvor, mas quando chegámos ao orfanato e nos perguntaram quem tinha um exame de segunda época, eu disse que tinha porque pensei que o tal exame de segunda época era o certificado de louvor. No terceiro ano, fugi do orfanato. Fui à procura da minha mãe. Fui encontrada na floresta, esfo-meada e extenuada, por um homem idoso de apelido Bolchakóv. Quando soube que eu era do orfanato, deixou-me entrar na sua família. Vivia com a sua mulher. Restabeleci-me e comecei a ajudá-los na lida da casa e no quintal: colhia erva, sachava batata – fazia de tudo. Comíamos pão, mas era um pão que tinha pouco de pão. Era muito amargo. Misturava-se na farinha tudo o que podia ser moído: salgadeira, flor de aveleira, batata. Ainda hoje não sou capaz de ignorar uma erva viçosa e como muito pão. Não me farto de comê-lo... Há dezenas de anos...

Afinal, guardo tanto na memória. Ainda me lembro de muitas coisas...

Lembro-me de uma menina enlouquecida que entrava numa horta, encontrava uma toca e ficava lá à espera de um ratinho. A menina tinha fome. Lembro-me da sua cara, até do vestidito que levava. Uma vez, aproximei-me dela e ela contou-me... sobre o ratinho... Ficámos sentadas juntas, a espiar esse ratinho...

Passei toda a guerra com a esperança de que, mal acabasse, eu e o avô Bolchakóv atrelaríamos o cavalo e partiríamos em busca da minha mãe. Pessoas evacuadas entravam na casa e eu perguntava a cada uma se não tinha visto a minha mãe. Os evacuados eram muitos, tantos que, em cada casa, se preparava um

tacho com urtigas. Se entrasse alguém, teria algo quente para sorver. Não havia outra coisa para dar. Mas, em cada casa, havia um tacho com urtigas cozidas... Lembro-me muito bem disso. Eu colhia essas urtigas.

A guerra acabou... Esperei um dia, dois, mas ninguém me veio buscar. A minha mãe não aparecia e o meu pai, sabia eu, estava no exército. Esperei assim duas semanas, já não tinha forças para esperar mais. Meti-me num comboio qualquer, debaixo do banco, e parti... Para onde? Não sabia. Pensava (no meu modo de pensar infantil) que todos os comboios iam para Minsk. E, em Minsk, a minha mãe esperaria por mim! Depois, chegaria o meu pai... Um herói! Com ordens, com medalhas.

Eles desapareceram num bombardeamento. Os vizinhos contaram-me mais tarde — tinham partido os dois à minha procura. Correram para a estação.

Já estou com cinquenta e um anos, tenho os meus próprios filhos. Mas quero sempre a minha mãe.

\*

*«Brinquedos alemães tão bonitos...»*

*Taïssa Nasvétnikova, 7 anos.*

*Atualmente, professora.*

Antes da guerra...

Tanto quanto me lembro, tudo corria bem: o jardim-de-infância, as matinés, a nossa praceta. Meninos e meninas. Eu lia muito, tinha medo de minhocas e gostava de cães. Vivíamos em Vitebsk, o meu pai trabalhava numa empresa de construção. O que recordo mais da minha infância é o meu pai a ensinar-me a nadar no Dvina.

Seguiu-se a escola. Da escola, guardo esta recordação: uma escadaria muito larga, uma parede de vidro transparente, muito sol e muita alegria também. Tinha a sensação de que a vida era uma festa.

O meu pai partiu para a frente de combate nos primeiros dias da guerra. Lembro-me da despedida na estação de comboios... O meu pai não se cansava de repetir à mãe que iriam repelir os alemães, mas que queria que fôssemos evacuadas. A minha mãe não compreendia: para quê? Se ficássemos em casa, ele encontrar-nos-ia mais depressa. Imediatamente. Eu repetia:

«Paizinho querido! Volta depressa. Paizinho querido...»

O meu pai partiu. Alguns dias depois, partimos também. Pelo caminho, fomos constantemente bombardeados, era fácil bombardear-nos porque as composições com destino à retaguarda seguiam-se a cada quinhentos metros. Íamos sem bagagem: a minha mãe levava um vestido de cetineta às bolinhas brancas e eu, um de chita vermelha às florzinhas. Todos os adultos diziam que a cor vermelha era bem visível desde cima e, assim que começava um ataque aéreo e todos se precipitavam para os arbustos, tapavam-me com o que havia à mão para este meu vestidito vermelho não chamar a atenção, pois eu era como uma lanterna.

Bebíamos água dos pântanos e valas. Surgiram as doenças intestinais. Também adoeci. Estive inconsciente durante três dias... Mais tarde, a minha mãe contou-me como fui salva. Quando parámos em Briansk, uma composição militar chegou à via vizinha. A minha mãe tinha vinte e seis anos, era muito bonita. A nossa composição ficou parada muito tempo. Ela saiu da carruagem e um oficial daquela composição disse-lhe uma amabilidade. A mãe pediu:

«Deixe-me em paz, não posso ver o seu sorriso. A minha filha está a morrer.»

O oficial revelou ser paramédico militar. Entrou na carruagem, examinou-me e chamou um colega:

«Traz rapidamente chá, pão seco e beladona.»

Foi esse pão seco da ração de soldado, uma garrafa de litro de chá forte e uns comprimidos de beladona que me salvaram a vida.

Até chegarmos a Aktiubinsk, toda a composição passou pela doença.

Nós, as crianças, éramos impedidas de ir para onde estavam os que morreram de doenças e bombas, protegiam-nos da visão desse cenário. Ouvíamos apenas as conversas: lá foram enterrados tantos, cá foram enterrados tantos... A minha mãe ficava com o rosto muito pálido, as suas mãos tremiam. Mas eu interrogava:

«Para onde foram aquelas pessoas?»

Não me lembro de paisagens nenhuma. É muito estranho, porque amava a natureza. A memória fixava apenas os arbustos em que nos escondíamos. Os barrancos. Parecia-me, por algum motivo, que não havia floresta em lado algum, que só atravessávamos campos, um deserto qualquer. Uma vez, apanhei um susto tão grande que, depois dele, deixei de ter medo de qualquer bombardeamento. Não fomos avisados de que o comboio parava apenas por dez ou quinze minutos. Por pouco tempo. O comboio arrancou e eu fiquei de fora. Sozinha... Não me lembro da pessoa que me agarrou... Fui literalmente atirada para uma carruagem... Mas não a nossa, talvez a penúltima. Foi quando me apercebi pela primeira vez de que podia ficar sozinha e a minha mãe partir sem mim. Enquanto a minha mãe estava ao meu lado, nada me assustava. Mas, com este episódio, perdi o dom da fala. Emudeci, ninguém me conseguiu arrancar uma palavra até a

minha mãe chegar e me abraçar. A minha mãe era o meu mundo. O meu planeta. Mesmo que me doesse algo, agarrava-me à mão dela e a dor passava. De noite, dormia sempre ao lado dela, quanto mais perto, menos medo tinha. Se a minha mãe estivesse perto, tudo parecia voltar a ser como era em casa, dantes. Fechas os olhos — não há guerra nenhuma. A minha mãe não gostava de falar da morte. Mas eu perguntava sempre...

De Aktiubinsk, viajámos para Magnitogorsk, onde vivia o irmão do meu pai. Antes da guerra, ele tinha uma grande família, com muitos homens, mas, quando chegámos, só restavam as mulheres. Todos os homens tinham partido para a guerra. Nos finais de 1941, chegaram duas comunicações de morte em combate — tombaram os filhos do tio...

Daquele inverno, lembro-me ainda da varicela, da qual padeceu toda a minha escola. E das calças vermelhas... Pelas senhas de racionamento, a minha mãe recebeu um corte de flanela cor de vinho e costurou-me um par de calças. E as crianças troçavam de mim, chamando-me «fradinho de calças de cor de vinho». Ressentia-me muito. Mais tarde, as senhas de racionamento deram direito a um par de galochas curtas, que eu atava aos pés e corria assim. Elas faziam-me feridas nos ossinhos dos tornozelos, de modo que, para o evitar, tinha de pôr algo por baixo dos calcanhares, para ficarem mais elevados. Mas o inverno era tão frio que eu tinha sempre as mãos e os pés gelados. O sistema de aquecimento na escola avariava-se com frequência, nas salas de aula a água gelava no chão e nós deslizávamos entre as carteiras. Nas aulas, estávamos de sobretudos vestidos e luvas calçadas, cortando apenas os dedos para podermos segurar a caneta. Lembro-me de que não podíamos ofender e troçar das crianças cujos pais morreram na frente. O castigo em tais casos era severo.

Todos nós líamos muito. Como nunca... Limos tudo o que havia na biblioteca infantil, na juvenil. Começaram a dar-nos livros da biblioteca dos adultos. Outras meninas, sentiam medo... Mesmo os rapazes não gostavam, passavam as páginas que escreviam sobre a morte. Mas eu lia.

Caiu muita neve. As crianças corriam lá para fora e faziam um boneco de neve. Mas eu não percebia como era possível fazer um boneco de neve e divertirmo-nos em tempos de guerra.

Os adultos estavam sempre a ouvir rádio, não podiam viver sem rádio. E nós também. Cada salva em Moscovo<sup>4</sup> era motivo de alegria, cada notícia era motivo de agitação: como vão as coisas na frente de combate? E na resistência clandestina? E os *partisans*?<sup>5</sup> Saíram filmes sobre as batalhas de Estalinegrado e Moscovo, íamos vê-los quinze a vinte vezes. Se davam um filme três vezes seguidas, íamos vê-lo três vezes seguidas. Não existia uma sala de cinema, os filmes eram projetados na escola, no corredor, e sentávamo-nos no chão. Ficávamos sentados duas ou três horas. Eu prestava atenção à morte... A minha mãe ralhava comigo por causa disso. Aconselhava-se com os médicos, queria saber porque é que eu era assim... Por que me interessava por coisas nada infantis como a morte? Como ensinar-me a pensar em coisas de criança...

Reli os contos fantásticos... Os contos infantis... No que reparei novamente? Reparei que neles se matava muito. Que havia muito sangue. Foi uma descoberta para mim...

Nos finais de 1944... Vi os primeiros prisioneiros alemães... Caminhavam pela rua numa coluna larga. Surpreendeu-me que

---

<sup>4</sup> A tradição de saudar as grandes vitórias do Exército Soviético com salvas de artilharia surgiu em 1943. [N. da T.]

<sup>5</sup> Membros do movimento de guerrilha no Leste Europeu durante a Segunda Guerra Mundial. [N. da T.]

as pessoas se aproximassem deles e lhes oferecessem pão. Foi um tal abalo para mim que corri para o emprego da minha mãe para lhe perguntar:

«Porque é que a nossa gente dá pão aos alemães?»

Ela não disse nada, simplesmente, pôs-se a chorar. Na mesma altura, vi o primeiro morto de uniforme alemão, ele caminhava na coluna e caiu. A coluna parou por algum tempo e, depois, avançou, e ao lado dele puseram um soldado nosso. Aproximei-me... Atraía-me a possibilidade de ver a morte de perto, estar ao lado dela. Quando anunciavam na rádio as baixas do inimigo, alegrávamo-nos sempre... Ora, neste caso... Vi-o... O homem parecia adormecido... Não estava sequer estendido no chão, estava sentado meio curvado, com a cabeça um pouco inclinada para o ombro. Eu não sabia se devia sentir ódio ou compaixão por ele. Era o inimigo. O nosso inimigo! Não me lembro se era novo ou velho. Tinha um ar muito cansado. Por causa disso, era-me difícil odiá-lo. Também contei à mãe sobre isso. E ela chorou outra vez.

A 9 de maio, acordámos de madrugada porque ouvimos grandes gritos na entrada do prédio. Ainda era muito cedo. A minha mãe foi saber o que se passava, regressou desnorreada:

«Vitória! Será mesmo vitória?»

Era algo insólito: a guerra acabou, uma guerra tão longa. Um chorava, outro, ria, alguém gritava... Os que perderam familiares choravam, mas também se alegravam porque, apesar de tudo, era a Vitória! Um tinha um punhado de grãos de cereal, outro, umas batatas, outro ainda, uma beterraba — juntava-se tudo na mesma casa. Nunca esquecerei aquele dia. Aquela madrugada... No fim do dia, já não era bem a mesma coisa...

Durante a guerra, por alguma razão, toda a gente falava baixinho, parecia-me até que a sussurrar, mas, de repente, todos se

puseram a falar em voz alta. Estávamos sempre ao pé dos adultos, eles davam-nos guloseimas, faziam-nos mimos e mandavam-nos lá para fora: «Vão para a rua. Hoje é festa.» E chamavam-nos de volta. Nunca recebemos tantos abraços e beijos como naquele dia.

Apesar de tudo, sou uma pessoa feliz, o meu pai regressou da guerra. Trouxe brinquedos bonitos. Eram alemães. Eu não conseguia perceber como é que brinquedos tão bonitos podiam ser alemães...

Também tentei falar sobre a morte com o meu pai. Sobre os bombardeamentos, quando eu e a minha mãe éramos evacuadas... Como em ambos os lados da estrada jaziam os nossos soldados mortos. As suas caras estavam tapadas com ramos. As moscas zumbiam em cima deles... Hordas de moscas... Sobre o alemão morto... Conte-lhe sobre o pai de uma amiga, que regressou da guerra e morreu poucos dias depois. Morreu de doença do coração. Eu não conseguia perceber como era possível morrer depois da guerra, quando toda a gente estava feliz?

O meu pai ficava calado.

\*

*«Um punhado de sal... A única coisa que restou da nossa casa...»*

*Micha Maiórov, 5 anos.*

*Atualmente, candidato a Doutor em Ciências Agrícolas.*

Durante a guerra, eu gostava de ter sonhos. Gostava de sonhar sobre a vida de paz, sobre como vivíamos antes da guerra...

Primeiro sonho...

A avó acabou a lida da casa... Estou à espera desse momento. Eis que ela encosta a mesa à janela, estende o tecido, dispõe algodão

em cima dele, cobre-o com outro pedaço de tecido e começa a acolchoar o cobertor. Também tenho um trabalho para fazer: a avó crava preguinhos dum lado do cobertor, ata cordéis a cada um deles, que esfrega com giz, e eu estico-os do outro lado. «Estica mais, Míchenka», pede a avó. Eu estico — ela larga: zás! — e sobre a cetineta vermelha ou azul aparece uma linha de giz. As linhas cruzam-se, formando pequenos losangos que depois serão percorridos por pespontos de fio preto. A operação seguinte: a avó dispõe os moldes de papel (agora chamam a isto de padrão) e, no cobertor alinhavado, surge um desenho. É muito bonito e interessante. A minha avó também é mestre em costurar camisas, os colarinhos saem-lhe particularmente bem. A sua máquina de costura manual *Singer* continua a trabalhar mesmo quando eu já durmo. E o avô também dorme.

Segundo sonho...

O avô é sapateiro. Ele também tem trabalho para mim — tornear pinos de madeira. Hoje em dia, usam-se preguinhos metálicos em todas as solas, mas eles enferrujam e a sola cai pouco tempo depois. É possível que, então, já se usassem preguinhos metálicos, mas eu lembro-me dos de madeira. Era preciso serrar rodelas de um pedaço de bétula velha, liso e sem nós, e deixá-las secar no coberto, depois, rachar pequenos cepos com cerca de três centímetros de grossura e uns dez centímetros de comprimento e secá-los também. Destes cepinhos era fácil desprender lâminas transversais com uma grossura de dois a três milímetros. A faca de sapateiro é afiada e é fácil cortar o bordo da lâmina dos dois lados: aperta-la contra o banco de carpinteiro, zás-trás-pás, e a lâmina torna-se também afiada, e depois disso já podes esperar os preguinhos-pinos. Com uma sovela de sapateiro, o meu avô faz um orifício na sola da bota, insere o pino, dá uma pancadinha

com o martelo de sapateiro — e o prego está na sola. Os pinos são cravados em duas filas, o que, além de ser bonito, torna o calçado mais resistente, a humidade faz com que os preguinhos secos de bétula inchem e segurem a sola ainda melhor, de modo que ela não cai até ficar gasta.

Além disso, o meu avô sabe solar as *valenki*<sup>6</sup>, mais concretamente, coser-lhes uma segunda sola, assim servem mais tempo e podem ser usadas sem galochas. Ou reveste-lhes o contraforte com couro, para evitar o desgaste rápido quando se usam com galochas. A minha obrigação é torcer fios de linho, brear e encerrar o linhol, enfiá-lo na agulha. Mas a agulha de cerzir de sapateiro é muito valiosa, por isso o avô usa principalmente cerdas, as mais comuns do garrote do javali, as do porco doméstico também servem, mas são mais macias. O avô tem um molho inteiro dessas cerdas. Servem para coser a sola ou um retalho pequenino num sítio de difícil acesso: as cerdas são flexíveis e passam em qualquer parte.

Terceiro sonho...

Os rapazes mais velhos organizaram um teatro no palheiro grande dos vizinhos, está a decorrer uma peça sobre guarda-fronteiriços e espiões. O bilhete custa dez copeques, não os tenho e não me deixam entrar, começo a chorar: também quero «ver a guerra». Espreito à socapa no palheiro — os «guarda-fronteiriços» vestem camisas militares verdadeiras. O espetáculo é emocionante...

Depois, os meus sonhos interrompiam-se...

Pouco tempo depois, vi camisas de soldado na nossa casa... A avó dava comida a uns soldados cansados e cobertos de poeira,

---

<sup>6</sup> Botas de feltro, calçado tradicional de inverno. [N. da T.]

enquanto eles diziam: «O alemão avança com grande força.»  
Pus-me a chatear a avó: «E os alemães, como são?»

Carregamos trouxas numa carroça, sentam-me em cima delas. Partimos não sei para onde. Depois, regressamos... Há alemães em nossa casa! São parecidos aos nossos soldados, só que têm outro uniforme e são alegres. Agora, eu, a avó e a mãe vivemos atrás do forno<sup>7</sup> e o avô no palheiro. A avó já não acolchoa cobertores, o avô não faz de sapateiro. Uma vez, afasto a cortina: no canto, junto à janela, está sentado um alemão com auscultadores, gira as manivelas do aparelho de rádio, ouve-se música, depois algo em russo bem perceptível... O outro alemão, que, naquele momento, estava a espalhar a manteiga sobre o pão, vê-me e agita a faca mesmo diante do meu nariz, escondo-me atrás da cortina e não saio mais de trás do forno.

Na rua, junto à nossa casa, é conduzido um homem vestido com uma camisa militar queimada, descalço, com as mãos atadas com arame. O homem está todo preto... Mais tarde, vi-o enforcado junto ao soviete da aldeia. Dizia-se que era um piloto nosso. Durante a noite, sonhei com ele. No sonho, ele estava pendurado no nosso quintal...

A minha memória guardou tudo em cor preta: tanques pretos, motociclos pretos, soldados alemães de uniforme preto. Não tenho a certeza de que tudo isso fosse realmente apenas preto, mas eu memorizei tudo assim. Um filme a preto e branco...

Embrulham-me em ago e escondemo-nos num pântano. Todo o dia e toda a noite. A noite está fria. Pássaros desconhecidos gritam com vozes assustadoras. Parece que a lua brilha muito.

---

<sup>7</sup> O forno a lenha tradicional, de razoáveis dimensões, serve para fazer comida, aquecer a casa e, no inverno, também como lugar para dormir. [N. da T.]

Que susto! E se os pastores alemães nos puderem ver ou ouvir? Às vezes, chegava-nos o seu ladrar rouco. De manhã — já para casa! Quero ir para casa! Toda a gente quer ir para casa, para o calor! Mas a casa já não existe, é apenas um monte de tições fumegantes. Um lugar queimado... Depois de uma grande fogueira... Nas cinzas, encontramos uma bola de sal que estava sempre no bordo do forno. Recolhemos o sal com cuidado, depois o barro misturado com sal, pusemo-lo num jarro. Foi a única coisa que restou da nossa casa...

A minha avó esteve calada, muito calada, mas, de noite, pôs-se a lamentar em voz alta: «Ai, minha casinha! Ai, minha casinha! Aqui me diverti em rapariga-a-a-a... Aqui vieram os casamenteiro-o-o-o-s... Aqui dei a luz aos meus filho-o-o-o-s...» Ela andava como um fantasma pelo nosso quintal preto.

De manhã, abri os olhos — estamos a dormir sobre terra. Na nossa horta.

\*

*«E beijei todos os retratos no manual escolar...»*

*Zina Chimánskaia, 11 anos.*

*Atualmente, operadora de caixa.*

Olho para trás com um sorriso... Com surpresa. Será possível que isto se tenha passado comigo?

No dia em que a guerra começou, fomos ao circo. A turma toda. Para assistir a uma matiné. Não suspeitávamos de nada. De nada... Os adultos já sabiam, mas nós não. Batíamos palmas. Ríamos-nos. Havia um elefante grande. Um elefantão! Os macaquinhos dançavam... Depois... Saímos para a rua, alegres, e vemos as pessoas

banhadas em lágrimas: «Guerra!» Toda a criançada: «Hurra!» Ficámos contentes. Imaginávamos a guerra assim: homens a cavalo e de *budionovka*<sup>8</sup>. Agora é que nos íamos revelar, ajudar os nossos combatentes. Tornar-nos-íamos heróis. A coisa de que eu mais gostava era livros de guerra. Sobre os combates, sobre os atos heroicos. Imaginava cenas várias... Como me inclino sobre um soldado ferido, resgato-o do meio do fumo. Das chamas. Em casa, preenchi toda a parede junto à minha mesa com fotografias militares recortadas dos jornais. Aqui está o Vorochílov<sup>9</sup>, ali está o Budióunny...

Eu e a minha amiga fugíamos para a guerra da Finlândia e os rapazes nossos conhecidos, para a de Espanha. Imaginávamos a guerra como o acontecimento mais interessante da vida. Como a maior aventura. Sonhávamos com ela, éramos filhos do nosso tempo. Bons filhos! A minha amiguinha andava sempre com uma *budionovka* velha, já não me lembro onde a arranjava, mas era o seu gorro preferido. E como tentámos fugir para a guerra? Não me lembro sequer que guerra era, provavelmente, a de Espanha. Já conto como foi... Ela ficou em nossa casa para pernoitar, claro que o fez de propósito, e, de madrugada, saímos com todo o cuidado. Em bicos de pés... Chiu... Levámos alguma comida connosco. O meu irmão mais velho, pelos vistos, já devia ter reparado que andávamos a cochichar nos últimos dias, a enfiar coisas em saquinhos. Apanhou-nos no pátio e mandou-nos voltar para casa. Ralhou connosco e ameaçou deitar fora todos os livros militares da minha biblioteca. Chorei todo o dia. Éramos assim!

---

<sup>8</sup> Gorro militar usado pelo Exército Vermelho até 1940, decorado com uma estrela vermelha. Recebeu este nome em honra de Semión Budióunny (1883-1973), herói da Guerra Civil Russa, marechal da União Soviética. [N. da T.]

<sup>9</sup> Klimént Vorochílov (1881-1969), chefe militar, marechal da União Soviética. [N. da T.]

E, de repente, uma guerra verdadeira...

Uma semana mais tarde, as tropas alemãs entraram em Minsk. Inicialmente, reparei não tanto nos alemães, como nos seus veículos. Grandes carros, grandes motociclos... Não tínhamos veículos como aqueles, nunca os viramos. As pessoas emudeceram e ensurdeceram. Andavam de olhos assustados... Nas cercas e nos postes, apareceram cartazes e panfletos estranhos. Ordens estranhas. Chegou a «Nova Ordem». Passado algum tempo, as escolas abriram novamente. A minha mãe resolveu que, mesmo havendo guerra, não se podia interromper os estudos e que eu devia estudar, apesar de tudo. Na primeira aula, a professora de Geografia, a mesma que nos ensinava antes da guerra, começou a pronunciar-se contra o poder soviético. Contra Lenine. Eu disse a mim mesma: não vou estudar mais numa escola assim. Nã-ã-ã-o... Não quero! Cheguei a casa e beijei todos os retratos no manual escolar... Todos os retratos queridos dos nossos líderes.

Os alemães irrompiam nas casas, procuravam sempre alguém. Ora judeus, ora *partisans*... A minha mãe disse:

«Esconde o teu lenço de pioneiro.»

Durante o dia, eu escondia o lenço, mas punha-o de noite, antes de dormir. A minha mãe tinha medo: e se os alemães baterem à porta de noite? Tentava persuadir-me. Chorava. Eu ficava à espera que ela adormecesse, que a calma se instalasse em casa e lá fora. Então, tirava o lenço vermelho de pioneiro do armário, tirava livros soviéticos. E a minha amiga dormia com a *budionovka* posta. Continua a dar-me gosto termos sido assim...

\*

# SVETLANA

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# ALEXIEVICH

«Pela sua escrita polifónica, um monumento  
ao sofrimento e à coragem na nossa época.»

A 22 de junho de 1941, a Alemanha nazi invade a União Soviética, quebrando o pacto de não-agressão celebrado entre as duas nações e dando início ao que ficaria conhecido do lado russo como a Grande Guerra Patriótica. No final do conflito, em 1945, tinham morrido cerca de três milhões de crianças e, só na Bielorrússia, vinte e sete mil viviam em orfanatos. Os relatos destes órfãos foram recolhidos, passados mais de quarenta anos, por Svetlana Alexievich.

O resultado é uma visão única da guerra, testemunhada pelas crianças e não por soldados, políticos ou historiadores — os narradores mais sinceros e, simultaneamente, mais injustiçados.

Uma obra importante, composta por relatos impressionantes, profundamente comovedores e autênticos, em que o conflito e a tragédia se transformam em acontecimento pessoal, em fascinante e pungente memorial vivo de guerra.

«Os relatos daquelas crianças, sem cortes ou opinião pessoal da própria Svetlana, compõem uma obra antiguerra de uma eficácia demolidora, tendo como fio condutor a profunda tristeza de uma centena de homens e mulheres a quem a guerra roubou a infância.»

*El País*

